

Fernando Pessoa

## **Olhando o mar, sonho sem ter de quê.**

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.  
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.  
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!  
De que me servem a verdade e a fé?

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,  
Em ruas ou em estradas ou sob ramos,  
Temos esta certeza e sempre e em tudo  
Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta  
Parecem, por longínquas, estar em festa.  
Quanto acontece porque se não vê!  
Mas do que há ou não há o mesmo resta.

Se tive amores? Já não sei se os tive.  
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.  
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,  
E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhes rosas? Que colhes, se hão-de ser  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?

20-1-1933

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 70.